

Sarney otimista

O presidente José Sarney não vai intervir no processo eleitoral deste ano. Pretende manter equidistância em relação às diversas disputas para conservar uma posição de magistrado perante a Nação e não comprometer suas relações com os parceiros da Aliança Democrática. Um ou outro assessor do Presidente poderá se envolver neste ou naquele Estado, mas estará mentindo se disser que com a sua autorização.

Nem no Maranhão, sua base de sustentação política, o Presidente da República pretende ter qualquer envolvimento na disputa pela Prefeitura de São Luis, embora acompanhe naturalmente com interesse o desenrolar do processo eleitoral. O Presidente gostaria que o PMDB e a Frente Liberal marchassem unidos, apresentando candidatos mediante acordo. Mas, uma vez que isso se torna inviável, não vai intervir para não criar qualquer problema.

Sua grande fixação continua sendo o acordo nacional — político, econômico e social — envolvendo todas as forças da Nação. Este é o pacto que vai viabilizar a transição tranqüila do autoritarismo para a democracia e dar respaldo ao governo para falar mais grosso na mesa de negociações com os banqueiros internacionais. O Presidente continua otimista e confiante em que terá condições de concluir uma negociação com os credores que resguarde nossos interesses.

Quando alguém lembra que a Argentina tentou endurecer seu jogo e o resultado foi o que todos viram, sendo obrigada a seguir o modelo recessivo que o FMI prescreve indistintamente, para todos o Presidente lembra o peso específico do nosso País e a diferença que existe de uma negociação para outra.

Além disso, Sarney deseja situar as negociações estritamente no plano dos nossos interesses, empenhando-se em evitar o risco de envolvê-las na luta ideológica que travam Leste e Oeste, preocupação, aliás, que não deixou de acentuar no recente pronunciamento que fez através de uma cadeia nacional de rádio e televisão.

O grande acordo nacional é indispensável para que o Governo tenha força na negociação com os nossos credores. Tancredo falava em pacto político, cuja viabilidade Sarney questionava. Ele considerava mais viável um acordo que envolva o político, primeiramente, para depois abranger o conjunto da sociedade, incluindo o econômico e o social. O Presidente mostra-se otimista em obter esse grande entendimento nacional, considerando que hoje muitas reservas e desconfianças se dissiparam em face da própria postura que o Governo tem adotado. Julga que houve progressos e será possível chegar ao acordo nacional para o bem do projeto de redemocratização.

O Presidente julga indispensável que todos esses problemas sejam discutidos com os nossos credores, a fim de que os países devedores tenham melhores condições para fazer face aos pesados encargos. Ele ainda não fala em união dos países devedores, mas se mostra satisfeito com o atual nível de entendimento entre países devedores da América Latina e revela que os presidentes do Uruguai, Julio Sanguinetti, e do México, Miguel de La Madrid, o procuram constantemente por telefone.

O otimismo de Sarney envolve seus interlocutores. Ele transmite a impressão de que possui indicações de que os credores estrangeiros terão com o Brasil melhor compreensão do que com outros países, dos quais exigiram medidas heróicas, como foi o caso da Argentina.

Satisfeito e até surpreso com a repercussão positiva de seu último pronunciamento à Nação, Sarney está convencido de que atravessou a fase de maior dificuldade de todo o seu mandato nesse primeiro semestre, abalado com a tragédia que vitimou Tancredo. O segundo semestre será bem mais fácil. Espera que o Governo tenha maior compreensão dos políticos para os graves problemas que terá de equacionar.

TARCISIO HOLANDA